



**MEU MELHOR LUGAR: O LIVRO DE ARTISTA COMO POTENCIAL LOCAL DE
CONFORTO E ACOLHIMENTO.**

***MY BEST PLACE: THE ARTIST'S BOOK AS A POTENTIAL SPACE OF
COMFORT AND EMOTIONAL WARMTH.***

Flavia Trevisan de Medeiros¹
Universidade Federal de Santa Maria
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Neste presente artigo, proponho a análise de um livro de artista de autoria própria, onde defendo a linguagem artística "livro de artista" como para além de obra, um potencial local de conforto e acolhimento, tanto para o artista que dá vida ao livro, quanto para o observador, que não só sente as angústias e expressões da obra como também pode partilhar do sentimento de acolhimento por identificação. Neste artigo transcorro sobre a concepção do objeto-obra Meu Melhor Lugar como um livro de artista que transcende a definição de obra artística ou de escrita poética, mas que funde suas caracterizações criando um mar de sentimentos compartilhados em ondas.

Palavras-Chave: Livro. Lugar. Sentimentos. Poética. Linguagens.

ABSTRACT

In this article, I propose an analysis of an artist's book of my own creation, in which I defend the artistic language of the "artist's book" as more than just a work of art, it is a potential space of comfort and refuge, both for the artist who brings the book to life and for the viewer, who not only perceives the work's anguish and expressions but may also share in the feeling of comfort through identification. In this article, I discuss the conception of the object-work Meu Melhor Lugar as an artist's book that transcends the definition of an artistic piece or poetic writing, merging their characteristics to create a sea of shared feelings in waves.

KEYWORDS: Book. Place. Feelings. Poetics. Languages.

¹Artista, estudante de graduação do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista PIBITI CNPQ em projeto artístico para o Laboratório de Fala (LabFala) do Curso de Fonoaudiologia, pesquisadora membro do Laboratório de Estéticas e Epistemologias Descentradas das Artes (LEEDA), membro do Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8461984154344445>



Introdução

É de certa forma, uma opinião popular dentre os historiadores, teóricos e críticos de arte, um dos papéis da arte ser o de acolher e confortar o próprio artista. Quando em processo de produção, ele provavelmente se perde no tempo e na esfera que o mesmo cria inconscientemente, que o isola do mundo externo, ficando alheio à sua volta. Mas afinal, o que faz a arte para seu criador, que torna este momento tão intenso?

Às vezes, somos levados a crer, que o processo de uma pintura por exemplo, seja o de pintar propriamente dito apenas. Quando na verdade, o artista que pinta com os sentimentos e a expressão pessoal como base poética, provavelmente passou horas incessantes, sem dormir, pensando nas situações cotidianas, tentando expressar o que lhe afligia, tentando pôr em ordem os pensamentos, que na verdade só seriam organizados em uma tela com tinta. Quando aí já temos parte do processo artístico, para além é claro de todo o trabalho de confecção da própria tela, o processo de preparação do algodão, montar o chassi, grampear o tecido, certamente, manualidades que às vezes o próprio artista faz questão de os fazer, o que com certeza lhe toma mais etapas e horas em processo de criação.

O êxtase da produção artística acompanha o artista em todas as etapas do processo, descobrir uma sensação ou vontade interna de expressar algo por meio de uma obra, já é parte indispensável do processo. O estalo inicial da obra é também o estalo inicial de um processo longo de processamento de ideias e decisões sobre a obra. A arte do artista pintor, por exemplo, é muito mais do que acordar de manhã e decidir pintar algo.

Livro de Artista como linguagem

Conforme a escritora Anne Moeglin-Delcroix relata sobre Ulises Carrión em *Quant aux livres/On Books* (1997), coletânea de textos escritos por Carrión, o artista abandonou a literatura pelo chamado da experimentação no início dos anos 1970, ele já havia experiência com livros, por seu conhecimento por literatura, mas decidiu buscar mais



na arte. Foi ele, segundo Moeglin-Delcroix, o primeiro artista a buscar criar uma teoria sobre os livros de artista.

Na escrita do ensaio *El arte nuevo de hacer libros* (A nova arte de fazer livros, 1975), Ulises Carrión fala muito sobre um contraste entre “a velha arte” e a “nova arte de fazer livros”, sugerindo um marco temporal que decorre usando passamos a ver livros como possíveis obras. O artista nos mostra e discute pela primeira vez o que ele vai chamar de *bookworks* (livros-obra), propondo a possibilidade do livro de artista como algo além de uma leitura comum, o livro de fato como objeto de arte, como obra. Carrión descreve no texto o que poderíamos traduzir e entender como “o livro é uma sequência espaço-temporal”(p. 33), que se caracteriza por compor páginas e palavras, ou alguma outra forma de comunicar o leitor nas páginas, mas que as páginas e a escrita em sequência fazem o espaço tempo do próprio livro ter seu ritmo, dando ênfase na forma específica de um livro, e ainda propõe que os livros “comuns”, com a única função de leitura (a velha arte), se resume unicamente a ler, portanto a forma como o livro se apresenta e se diagrama e indiferente, o livro se faz apenas um recipiente para o conteúdo da escrita. Já na nova arte, conseguimos perceber o livro como mais do que um suporte, uma forma pensada para compor a obra, fazer sentido em conjunto com o interior, criar um espaço em que ultrapassa “carregar” o conteúdo, mas sim ser parte integral dele, criando uma relação entre o conteúdo e a estrutura, ou a forma livro.

Carrión escreve e nos faz pensar sobre o fato de que “na velha arte o escritor escreve textos”, enquanto na nova arte, “o escritor faz livros” (p. 33), como supracitado, a mão e a alma do artista vai além de preencher um livro ou uma tela, o processo de fazer o livro, pensar ele, estruturar, costurar é tudo parte da obra. Entendemos com Carrión que cada página do livro obra é uma expressão do artista, uma nova etapa de um processo produtivo que resulta num sentido completo, enquanto que “em um velho livro todas as páginas são iguais” (p. 34), o artista vê, nos novos livros, o potencial da escrita ou signos usados como algo além do sentido espacial, mais profundo que apenas a leitura proporciona, algo que nos faz sentir, torna o sentido do livro como obra algo real.



Faz anos, muitos anos, os poetas têm explorado intensiva e eficazmente as possibilidades espaciais da poesia. Mas somente a assim chamada poesia concreta ou, mais tarde, a poesia visual, declarou abertamente isso. [...] A introdução do espaço na poesia (ou melhor, da poesia no espaço) é um enorme acontecimento, de conseqüências literalmente incalculáveis. [...] A poesia da velha arte usa o espaço, embora timidamente. Essa poesia estabelece uma comunicação intersubjetiva. A comunicação intersubjetiva ocorre num espaço abstrato, ideal, impalpável. Na nova arte (da qual a poesia concreta é somente um exemplo), a comunicação continua sendo intersubjetiva, mas se estabelece em um espaço concreto, real, físico— a página. (CARRIÓN, 1975, p.34-35)

Carrión nos faz pensar sobre a manualidade do livro, o processo que envolve sua concepção mas também tudo que o cerca. Nos faz pensar na materialidade, no espaço que o livro ocupa, em como o fazemos preencher esse espaço. A tela é desenvolvida com o propósito geral de receber uma obra de arte, enquanto o livro é um “recipiente” de escritas, obras de escritores, e não costumava ser feito para ou por artistas, a apropriação que os artistas fizeram do livro torna a discussão sobre suas formas ainda mais curiosa e intensa. Carrión nos faz pensar também sobre como lemos, “a velha arte ignora a leitura” e “todos os livros são lidos da mesma maneira”, já “a nova arte cria condições específicas de leitura” e “cada livro requer uma leitura diferente” (p. 38), o que nos proporciona a sensação de que o artista não só dá todo um novo papel para o livro, mas também cria novas possibilidades de aproveitamento da materialidade dele, nos permitindo explorar totalmente o potencial que a estrutura pode nos oferecer.

Montagem do Livro

A confecção do livro de artista, quando feito do zero pelo próprio, influencia no resultado final. Todas as partes do processo resultam em um sentido pro artista ao fim da composição. As cores das folhas, a ordem delas, a forma da costura das páginas, a quantidade delas, seu tamanho. A capa não é apenas a proteção da base do livro, a capa assim como todo o processo manual de fazer o livro, é integrante crucial da composição, podendo a capa denunciar o conteúdo do livro, também como disfarçar, enganar o observador, dentre tantas possibilidades que sua montagem propõe. Apesar de que, mesmo que seja interessante a manualidade da montagem



da estrutura do livro de artista, o fato do mesmo não fazê-lo não torna o livro menos legítimo, e nem mesmo o autor menos artista, a arte é intenção e aquilo que o artista considera fazer parte de si, sua criação em qualquer estágio que seja, Drucker fala sobre a rigidez no processo de criação de um livro:

Quem é o fazedor? É o artista que teve a ideia? Ou somente se ela ou ele fizer todo o trabalho envolvido na produção—impressão, pintura, encadernação, fotografia, ou tudo o mais envolvido? [...]. Um livro é restrito ao formato codex? Isso inclui pergaminhos? Tabuletas? Baralhos de cartas? Um bloco de madeira em cujo dorso se pintou um título, como numa lombada convencional? Um espaço em que caminhar, feito de painéis gigantes articulados conjuntamente? Um conceito metafísico, incorpóreo, mas invocado na performance ou em ritual? (DRUCKER, 2004, p. 2)

Depois a artista e professora ainda pontua:

Se forem descritos os diversos elementos ou atividades que contribuem aos livros de artista como campo, o que emerge é um espaço feito por sua intersecção, espaço que é mais uma zona de atividade que uma categoria na qual classificar as obras tendo em conta se cumprem ou não certos critérios rígidos. (DRUCKER, 2004, p. 2)

O que de fato conversa com o fato do livro de artista, como propriamente dito, seja um local **do artista**, em que ele se sinta à vontade para se expressar e dar sentido às suas emoções, sem a preocupação da legitimação do processo ou resultado.

Neste presente artigo, venho mostrar minha mais recente obra em processo de produção constante, tendo início em 20 de março de 2025, e não tendo data estipulada para sua conclusão. O livro de artista é um diário da alma do seu criador, é seu local de conforto e também de acolhimento. Nos momentos bons meu livro está comigo e recebe esse sentimento, assim como, da mesma forma, está nos ruins e também recebe esses momentos, em todos os momentos ele me recebe, me conforta e também me acolhe.

Meu Melhor Lugar

Por isso, o nome desta obra é Meu Melhor Lugar, fala sobre o lugar de conforto e alento do artista em todos os seus momentos, em todos os lugares que eu estiver e precisar acessar ao meu melhor lugar, ele vai estar lá comigo, pronto pra me receber



e me entender, de uma forma que só a obra entende o próprio artista. Em qualquer lugar físico que eu esteja, sei que na verdade o meu melhor lugar metafórico sempre poderá me acolher.

A capa do livro é simples (Imagem 1), mas não porque ela não tem importância, mas sim por que ela mostra de forma objetiva e simples a sensação que meu livro me trouxe no momento em que resolvi trazer-lhe a vida. Fala sobre um momento da minha vida em que transito muito pelo campus onde estudo, e reconheço meus momentos altos mas também baixos com ele. Reconheço meu lugar de estudo como também potencial acolhedor, assim como também possível sufocador da produção às vezes, porque a vida é uma dualidade em várias instâncias, assim como o conteúdo do Meu Melhor Lugar. Como um acolhedor, ele acolhe todos os meus sentimentos e sentidos, de forma que em momentos ele vai estar vibrante e contagiante, assim como em outros ele pode estar repleto de angústias e sofrimentos que possivelmente só ele vai compreender.

As técnicas artísticas como expressão

Meu Melhor Lugar, foi construído de forma a atender o máximo de necessidades de expressão que ele pudesse comportar. Como ele é meu local de trabalho, resultando na expressão e na extravasação de sensações e sentimentos, fiz com que tivesse nele opções para variados tipos de técnica.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

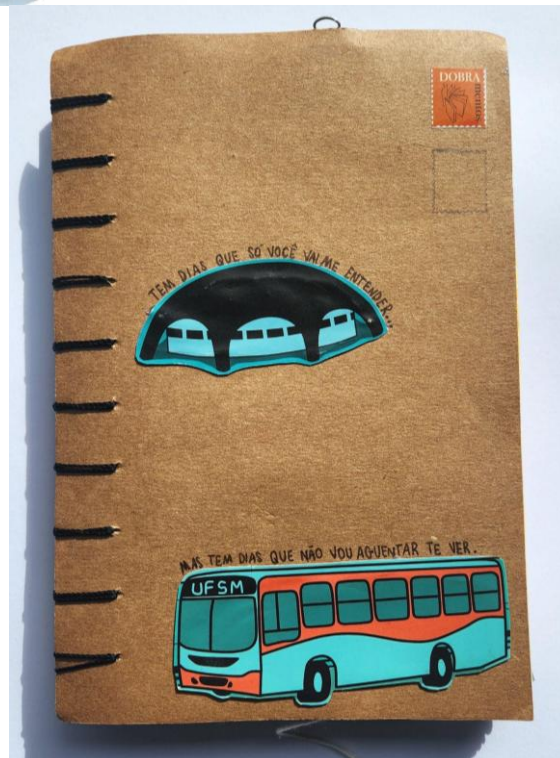


Imagem 1. Foto do acervo pessoal do autor. Capa do Meu Melhor Lugar, 2024.

O livro é composto por uma capa em papel craft que possibilitou escritas, colagens e carimbos em sua formação. Seguido por uma folha de guarda (Imagem 2) feita com uma folha de revista que me chamou atenção na hora da separação dos materiais para sua composição, ela é colorida e vibra, traz em si dois textos que para mim são inspiração no momento que o abro, "Vida, morte e Poesia" e "Corpos Livres", todos textos que para mim são disparadores logo no momento que abro o livro. Fazendo uma folha de guarda, protejo minhas primeiras páginas, e ao acabar a costura do livro, ele não é intimidador à primeira vista por estar completamente em branco, por que na verdade ele não está.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagens 2 e 3. Fotos do acervo pessoal do autor. 2 Folha de guarda do Meu Melhor Lugar, 2024. 3 Primeira página do Meu Melhor Lugar, 2024.

Sua formatação segue após a folha de guarda, separado em seis grandes blocos, cada um uma "estação" com propósitos diferentes, para atender a linguagens e técnicas diferentes. O primeiro bloco são folhas brancas comuns de gramatura alta, são mais neutros e comportam qualquer tipo de expressividade que se fizer necessária, assim como não transpassa de um lado a outro, sua gramatura faz a contenção do "vazamento" de uma expressão de uma página a outra, preservando a seguinte para que se tenha sempre um ambiente neutro ao estalar de cada ideia.

Logo na primeira página do bloco branco, quis trazer cor e nostalgia (Imagem 3). A capa sempre terá a neutralidade e equilíbrio para que eu não seja influenciada antes mesmo de abrir o livro, porém, logo que abrimos, conseguimos sentir como ele pode se fazer um lugar de conforto. As experiências não são as mesmas para todo espectador, mas sem dúvida nenhuma a experiência é individual. A nostalgia é um sentimento compartilhado, e tento passar isso já na primeira página.



Imagem 4. Foto do acervo pessoal do autor. Folhas do bloco branco do Meu Melhor Lugar, 2024.

A nostalgia além de contagiosa, ela pode atingir as pessoas de forma muito particular, dando segmento ao folhear as páginas, para um espectador pode parecer que essas folhas e carimbos (Imagem 4), sejam apenas divagação da minha mente de artista, quando na verdade a natureza da cidade de onde eu vim é nostálgica, trocar cartas é nostálgico, e certamente algum observador também sentirá assim, por que retomando: nenhuma a experiência é individual.

Já o segundo bloco é composto de folhas muito coloridas e mais finas, elas vibram tonalidades que podem atender certos momentos que necessitam de mais cor e mais entusiasmo, ou cores que gritam raiva e explodem em momentos que preciso colocar minhas angústias ali. Esse é um exemplo de uma folha de cor vibrante que comportou um acúmulo visual escrito (Imagem 5), costurado, amarrado e que grita palavras de desencorajamento que já ouvi, que seriam engolidas pelo inconsciente para explodir em um momento inoportuno, se por acaso o Meu Melhor Lugar não pudesse confortar nesse momento.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 5. Foto do acervo pessoal do autor. Página de acúmulo visual do Meu Melhor Lugar, 2024.

As folhas mais finas permitem que um sentimento convide a folha seguinte a participar dessa mistura de sensações, como quando a tinta de uma escrita é visível do outro lado da folha, assim como também permite uma costura mais delicada e cuidadosa das folhas, que traz uma retomada da consciência motora após minutos de acúmulo constante de palavras e estímulos de produção e extravasamento.



Imagem 6. Foto do acervo pessoal do autor. Página do bloco colorido com colagens do Meu Melhor Lugar, 2024.

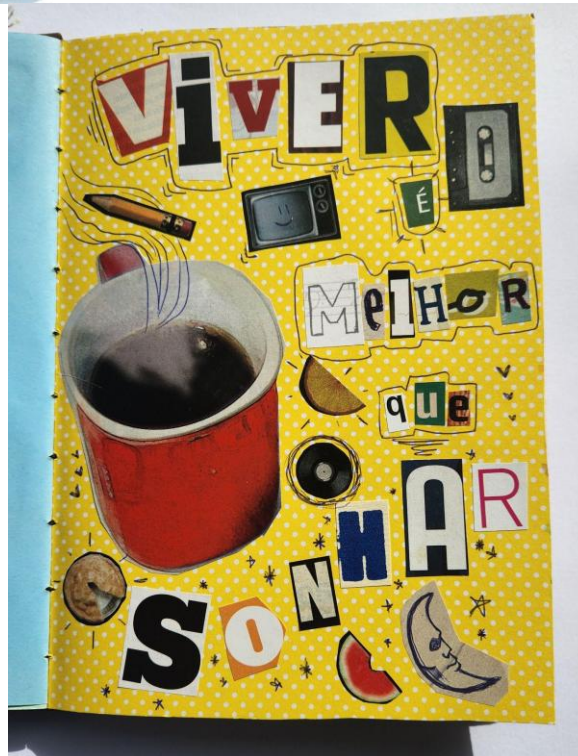


Imagem 7. Foto do acervo pessoal do autor. Página do bloco colorido com colagens com frase de Elis Regina do Meu Melhor Lugar, 2024.

Trazer frases que inspiram, se dar a liberdade de colar, costurar, grampear e assim aumentar o livro sempre que necessário, são movimentos que mantêm o livro sempre vivo, sempre em crescimento e em eterno movimento. Um livro com espírito de andarilho, que soma suas experiências dentro de si e sempre segue em busca de mais, de se alimentar. "Viver é melhor que sonhar" (Elis Regina, 1976).

Logo em seguida recebemos um bloco de folhas todo em papeis de aquarela, em tamanhos diferentes, para comportar sensibilidades diferentes. As folhas de aquarela tem um sentido poético parecido com o do livro em si, sua gramatura grossa e densa é capaz de absorver muitas coisas, tais como a aquarela bem líquida, assim como o livro é capaz de absorver tudo o que a criatividade e as sensações mandarem para ele. Ainda assim, as folhas de tamanho diferente nos permitem vagar entre um trabalho e outro, ao mesmo tempo, sem precisar escolher por onde estamos transitando exatamente dentro das possibilidades do folhar.

Seguimos com um bloco de folhas coloridas, com uma preta e uma cinza também "infiltradas" nas coloridas (Imagem 8), desta vez com gramatura alta e tamanhos de



folhas diversos. Uma escolha feita de forma consciente, assim como nas aquarelas, as folhas coloridas de tamanhos diferentes nos permitem compreender um pouco do seu todo quando passeamos por elas, sem precisar escolher por onde começar e sem esconder completamente todos os detalhes dos trabalhos quando transitamos entre folhas. Já com uma folha cinza e uma preta "infiltradas" em meio as coloridas, temos a certeza de que nem todos os blocos, ou metaforicamente nossos momentos de vida, são uma constante vibração em uníssono de cores e alegrias. As duas folhas em cores neutras, nos mostram que mesmo que por vezes pensamos estarmos numa constante, são as oscilações da vida que dão sentido a cada acontecimento. E isso é refletido visualmente nas diversas expressões durante o transcorrer do livro, conseguimos perceber uma "montanha-russa" de sentimentos que sobem e descem, mas que como tudo na experiência humana, só conseguem subir, por que um dia se permitiram descer.



Imagem 8. Foto do acervo pessoal do autor. Página do bloco colorido com folhas "infiltradas" preta e cinza do Meu Melhor Lugar, 2024.

Neste segmento temos um bloco de "folhas" que na verdade são páginas de algodão cru preparados com tinta por mim mesma, da mesma forma dos que compõem telas de pintura. Como comentado, acredito que Meu Melhor Lugar tenha sido pensado em



acolher o máximo de linguagens possíveis, e o tecido para tela, preparado e costurado ao livro por mim, traz uma infinidade de possibilidades de impressões sensíveis e de captação de estímulos artísticos e sentimentais.



Imagem 9. Foto do acervo pessoal do autor. Página cinza e primeira página de algodão cru com bordado e colagem do Meu Melhor Lugar, 2024.

Logo na primeira página de algodão já realizei uma expressão de técnica mista, com escrita em bordado, colagem e escrita em caneta (Imagem 9). Mesmo o tecido de tela sendo um material praticamente impermeável e rígido, nessa poética ele cedeu aos atropelamentos inesperados e foi furado com uma agulha, mesmo sendo costurado, ele nunca voltará a ser impermeável. Mas ao folhear a página, percebemos por meio de uma pintura, que às vezes podemos usar nossos escapes para estancar ou disfarçar nossas dores (Imagem 10). A pintura, assim como a arte num geral, não estanca feridas reais, mas em sentido simbólico, pode acalantar as feridas da alma e da mente do artista.

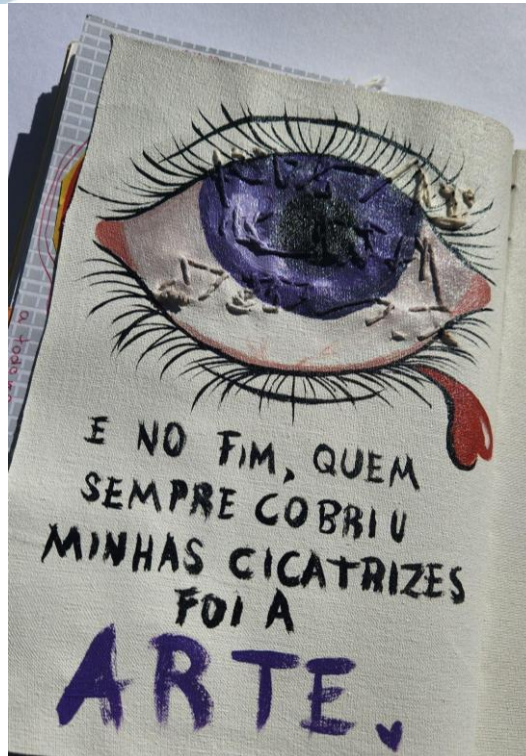


Imagem 10. Foto do acervo pessoal do autor. Verso da página bordada do Meu Melhor Lugar, 2024.

O sexto e último bloco de páginas é igual ao primeiro, folhas brancas de tamanho padrão e gramatura mais alta que o comum, permitindo uma certa neutralidade como base para qualquer tipo de expressão ou necessidade de reflexão acerca das questões que aflige o artista. Como as folhas do livro são completadas de forma aleatória de maneira que cada folha seja buscada de acordo com a necessidade do momento, o último bloco é ainda o mais vazio. Por que ele é o último bloco e não quero que passe a sensação de conclusão ao usá-lo? Talvez, não sei ainda. Mas se a arte por expressão sentimental fosse fazer sentido, não seria inconsciente, não cumpriria o papel a que se propõe.

Conclusão

A poética do livro não se constroi apenas nas composições, em sua maioria colagens, que visualmente transmitem uma mensagem ao observador, mas toda sua manualidade da construção e do pensar cada página traz uma reflexão na forma que é elaborada e executada. O livro do artista é mais do que expressão por imagens, é um apanhado conceitual de tudo que envolve a criação e a concepção da ideia e da construção artística do mesmo.



Ferreira Gullar fala sobre a poética do livro ser fundida com o conteúdo, que na verdade o objeto livro e o conceito que o compõe como poética artística e visual são na verdade, a mesma coisa e um só:

Chamo de livro-poema (ou poema-livro) à tentativa de usar a página (o livro) como um elemento interior ao poema. Nesta experiência, poema e livro não mantêm entre si uma relação meramente circunstancial, mas estão de tal modo integrados que é impossível distingui-los: poema e livro nascem num só e mesmo ato, uma vez que o impulso que determina as palavras e sua posição na página determina também o formato da página e os cortes. (...) Essa participação tão íntima da página material na expressão poderia induzir o leitor a pensar que nossa intenção é transformar o poema em algo material, intranscendente, em objeto. Na verdade, segundo cremos, a palavra, com seu peso, obriga a página a vencer o limite tátil, submerge-a na dimensão temporal da linguagem. A página é pausa, duração, silêncio. Um silêncio verbal. Cortando-a, justapondo-a, procuro tornar audível o lado mudo da linguagem, o seu avesso. (GULLAR, citado por PONTUAL, 1971, p. 33-34).

Interpreto a partir desta fala, o reforço do que proponho, que o livro do artista não é só um objeto artístico, ele transita gentilmente entre todas as expressões do artista, todas suas oscilações na grande "montanha-russa" de emoções do cotidiano e da vida como um todo.

Um zine que compõe uma das páginas do Meu Melhor Lugar (Imagem 8), foi feito em um momento de dor e angústia por sentimentos que ainda assombram quando não são trabalhados, e a capa do zine fala sozinha "Podes passar o dia olhando, mas vou confessar, às vezes nem mesmo EU sei o que está acontecendo AQUI.", e ao escrever isto em um momento de lapso produtivo, acredito que o livro inteiro seja sobre isso, apesar desta frase não estar na capa dele. No fim, como artista, componho e completo suas páginas, muitas vezes inconscientemente e em momentos de "mania", mas na verdade, só meu subconsciente sabe dizer, provavelmente, porque eu produzi tais páginas. Por que na verdade, as vezes nem eu sei o que está acontecendo dentro do Meu Melhor Lugar, só sei que ele me deixa melhor, me acolhe e me conforta. Ele é, de fato, meu melhor lugar.



Referências

CARRIÓN, Ulises. *El arte nuevo de hacer libros*, 1995.

DRUCKER, Johanna. *The Century of Artists' Book*. New York: Granary Books, 2004. (1a. edição: 1994).

MOEGLIN-DELCROIX, Anne. *Quant aux livres/On Books*, 1997.

PONTUAL, Roberto. *O livro, livre*. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, v. 65, n. 3, abr. 1971, p. 25-38.

REGINA, Elis. *Como nossos pais*. Canção de 1976. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/elis-regina/45670/>>